

A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: ASCENSÃO E DIFICULDADES NA CARREIRA

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharelado em
Jornalismo – Comunicação Social pela
Universidade Católica de Brasília.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Bernadete Brasiliense

BÁRBARA BERNARDES RIBEIRO

Brasília
2017

TERMO DE APROVAÇÃO

Artigo jornalístico de autoria de Bárbara Bernardes Ribeiro, intitulada, “A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: ASCENSÃO E DIFICULDADES NA CARREIRA”, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo na Universidade Católica de Brasília, em 22 de junho de 2017, defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Maria Bernadete Brasiliense
Orientador
Curso de Comunicação Social – UCB

Prof. Eliane Muniz
Curso de Comunicação Social – UCB

Prof. Maria Cecília Martinez
Curso de Comunicação Social – UCB

Brasília
2017

RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar uma revisão da literatura, principalmente em artigos científicos e monografias, com a finalidade de compreender se há dificuldades enfrentadas pelas mulheres que querem participar do jornalismo esportivo, o que torna este trabalho uma pesquisa de cunho exploratório. O estudo veio de uma necessidade de compreender por que vemos tão poucas mulheres narrando ou escrevendo sobre esportes, muito embora, vejo que atualmente o número de mulheres nesta área do jornalismo tenha aumentado, mas os papéis simbólicos a ela atribuídos permanecem.

Palavras-chaves: jornalismo esportivo, mulher, esporte, gênero, trabalho

ABSTRACT

This article aims to review the literature, mainly in scientific articles and monographs, in order to understand if there are difficulties faced by women who want to participate in sports journalism, which makes this work an exploratory research. The study came from a curiosity of mine to understand why we see so few women narrating or writing about sports, though, I see that currently the number of women in this area of journalism has increased.

Key words: Sports journalism, woman, sport, genre, job

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO	6
2.1 FEMINISMO NO BRASIL	7
2.1.2 A DIFERENCIAÇÃO DE GÊNEROS	8
3. O JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	9
3.1 ATUAÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO	10
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	11
REFERÊNCIAS.....	13

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade compreender a luta e a evolução da mulher para conquistar direitos iguais no jornalismo esportivo. Inicialmente eram os homens os condutores desse jornalismo e as mulheres encontravam dificuldades neste campo de trabalho. Hoje é diferente e já conseguimos ver uma parcela significativa de mulheres frente às câmeras, comentando sobre todo tipo de esportes, inclusive de futebol, antes um reduto masculino.

A ideia e a escolha do tema consistem em mostrar como é a participação das mulheres no jornalismo esportivo, analisando pesquisas feitas sobre esse assunto. Este é um artigo jornalístico que mostra a diferença na quantidade de mulheres em relação ao de homens que apresentam os telejornais esportivos. Por outro lado, ver quais as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para entrar nesse campo de trabalho. Durante as pesquisas realizadas, houve dificuldades nas buscas de materiais sobre o assunto. No meu ponto de vista, tratar da mulher no jornalismo esportivo – que ainda é liderado por homens – é importante como uma nuance do feminismo, um movimento sempre em construção, que defende direitos iguais para as mulheres.

Na pesquisa empírica nota-se que na maior parte dos programas os repórteres e apresentadores são homens, e, ao me deparar com uma mulher fazendo tais papéis surgiram vários questionamentos: Quais as dificuldades enfrentadas para chegar até ali? Sofre discriminação? As questões dizem respeito às minhas inquietações que me levaram à pesquisa e são dúvidas que permeiam indagações sobre a diferenciação de gêneros no ambiente de trabalho. Dessa forma, as perguntas norteadoras da pesquisa em pauta são: Como foi a evolução da trajetória da mulher no jornalismo esportivo? Quais foram os principais desafios enfrentados? Ainda há preconceitos? E se há, qual tipo de preconceitos e por parte de quem?

O problema dessa pesquisa está inserido em um cenário de aumento

progressivo do papel da mulher no jornalismo esportivo, em geral, onde entretanto os homens continuam sendo a maioria.

Os objetivos específicos do meu trabalho são: observar se ainda sofrem algum tipo de discriminação ou preconceito na área; averiguar se existem distinções entre os dois sexos durante o trabalho.

Os objetivos se instalam, pois, compreendo que a história da mulher no mercado de trabalho foi marcada por preconceitos. A diferenciação de gêneros continua sendo pretexto de imposição de relações de hierarquia, que mostram a superioridade e dominação do homem, impondo, muitas vezes, a subordinação da mulher. Contudo, o cenário já se mostra um tanto diferente e a mulher desponta em todos os setores do mercado de trabalho. Para ROMERO (2004), ainda assim, a subordinação da mulher é vista em todas as classes sociais e grupos étnicos e se repete de geração em geração.

2. A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Como vimos, a mulher busca seu lugar no mercado de trabalho e contemplamos sua evolução pessoal e profissional, entretanto podemos ver que a hierarquia e o poder entre os sexos ainda continua rígida.

Para ROCHA (2004), no campo científico também vem aumentando o número de pesquisas sobre gênero relacionado às profissões. Para o autor, a sociologia das profissões busca entender as características deste movimento de feminização das profissões. A pesquisa engloba todos os setores do mercado de trabalho para ampliar a compreensão desse acontecimento em diversos campos. Para o autor, é interessante perceber quais as motivações que determinam a escolha profissional da mulher; o perfil do mercado de trabalho e as relações com os pares profissionais e se o processo de feminização é diferente de acordo com a carreira e a profissão. Além dessas questões existem muitas outras que podem ser levantadas, dependendo da formação e do olhar do pesquisador.

Confirmamos as mudanças quando lemos em LUZ (2015) que no início do século passado, as mulheres conseguiam emprego pela sua desenvoltura e graça, espírito maternal e sensibilidade, mas nunca para as profissões que competissem com os homens ou necessitassem de uma postura masculinizada.

Dessa forma, as mulheres estavam aptas para serem enfermeiras, secretárias, telefonistas, professoras e os salários estavam abaixo da remuneração paga aos homens ao desempenharem a mesma função. Portanto, na maioria das vezes, a mulher não conseguia conquistar sua independência financeira e precisava dos maridos para manter a família. Por outro lado, a mulher não poderia deixar seus afazeres do lar e cuidados com o marido e filhos, além de haver também o medo de que elas perdessem a feminilidade. Portanto, seu trabalho continuava sendo subsidiário ao do homem, criando uma falta de compatibilidade entre casamento e vida profissional.

2.1 FEMINISMO NO BRASIL

O feminismo no Brasil começou nas classes médias e influenciou outras classes por motivos de comportamento sexual e padrões de reprodução. A modernidade em relação ao corpo feminino foi conseguida a partir dos anos 60, quando a mulher começou a utilizar métodos anticoncepcionais, separando a sexualidade da maternidade; ela começou a utilizar da psicanálise, melhorando seus sentimentos em relação a si mesma e, assim, encontrou o caminho para o mercado de trabalho e da educação superior.

O ano Internacional da Mulher de 1975 foi considerado um marco que iniciou a mobilização de mulheres no Brasil. Este ano, decretado pela Organização das Nações Unidas (ONU), tornou-se essencial, porque serviu de pretexto para a organização e a discussão das mulheres frente ao seu aprimoramento em todos os setores.

Para KOSHIYAMA, 2007, as observações históricas não favoreciam olhar para as mulheres sem vê-las engajadas apenas no espaço privado. Imaginar a inexistência da ajuda feminina e enxergá-las como seres sem identidade própria, defendendo a ideia de que ela apenas complementa o homem – Eva, costela de Adão. Assim, podemos dizer que a ONU contribuiu com a evolução das questões de gênero e possibilitou um olhar diferenciado para as mulheres, no que toca ao seu papel e seu desenvolvimento social e econômico.

Podemos ver, na leitura dos artigos, que as mulheres por muito tempo não tiveram um lugar, a não ser o lar, onde pudessem exercer seus poderes, seus conhecimentos e ser dona de suas ações. Elas ficavam distantes das principais decisões do país, decisões de poder e, acima de tudo, não participavam das decisões que lhe diziam respeito, não tinham direito ao voto, à escolha da maternidade, da contracepção ou mesmo de oportunidade de emprego e de profissionalização.

Segundo KOSHIYAMA, 2007, atualmente as mulheres estão inseridas no

mercado de trabalho e nos diversos papéis sociais desenvolvidos pela sociedade. Apesar da discriminação vivida nos anos 1960 no Brasil, e apesar dos homens muitas vezes ignorarem as mudanças que estavam acontecendo no país, podemos ver, na Constituição de 1988, que houve um processo que resultou no reconhecimento da importância da semelhança trabalhista entre homens e mulheres. A partir daí, as questões de gênero embarcam em âmbito global quanto ao reconhecimento da mulher, seus direitos e seu papel social e econômico.

2.1.2 A DIFERENCIAÇÃO DE GÊNEROS

E é ainda KOSHIYAMA (2007) a nos dizer que a ligação entre o homem e a mulher era sinalizada pela demarcação de espaço permitido ou não na presença de todos. A busca de espaço pelas mulheres, antes acompanhadas dos homens e recentemente sozinhas, mostra uma concordância de certas culturas de direitos maiores para elas. Primeiramente as mulheres ficavam em áreas consideradas pelos homens de pouca importância e influência; nos dias atuais, há a oportunidade dos dois gêneros estarem difundidos nas mesmas funções e cargos. Para o autor, é sempre importante ver em que condições as mulheres fazem seu trabalho.

Deduzimos pelos relatos do autor que, comparado a outras categorias de trabalho, no jornalismo as mulheres passam por situações tensas e por várias dificuldades, sujeitas que estão à violência de gênero. Isto porque ainda existe a desigualdade entre os sexos feminino e masculino, apesar de todas as lutas. Podemos confirmar isto pela pesquisa de BOCCHINI e REIMÃO, 2006, que dizem que as mulheres são inferiorizadas diariamente de maneiras distintas, como, por exemplo, na forma em que são vistas e tratadas na sua casa ou no espaço social.

Mas hoje, as disputas já não são mais de espaço físico – público ou privado – as dificuldades do gênero feminino são de busca de espaço de trabalho. Atualmente existem mulheres em profissões que não eram vistas no passado, como motoristas de ônibus e caminhão, engenheiras, agrônomas, juízas. Portanto, pode-se observar

que há um desenvolvimento na luta de gêneros e que, mesmo diante de vários obstáculos, as mulheres continuam mostrando sua capacidade, seu empenho e sua desenvoltura em todas as áreas de conhecimento.

Na pesquisa elaborada por BIROLI et al (2008), vemos uma aparição menor de mulheres em relação aos homens, indicando um desequilíbrio de gênero no entendimento do mundo social difundido pela mídia. Para eles, convém apontar que as barreiras para admissão e sucesso das mulheres não se limitam apenas àquelas de trabalho. A mulher sempre arcou com o compromisso de cuidar da família, do espaço doméstico, do cuidado com os filhos, o que dificultou sua apropriação em cargos que exigem, por exemplo, flexibilidade de horários. Desta forma, se a mulher assumir um cargo desse porte, gera um desconforto e dilema familiar inexistente para o homem.

MOTA, 2013, acrescenta ainda que podemos notar que o gênero feminino não está completamente inserido no espaço esportivo. O número de homens acaba por predominar nas redações quando o assunto é esporte. Mesmo sendo âncoras, raramente é vista uma mulher narrando e comentando um jogo e argumentando de forma ampla algum tema esportivo. Assim, notamos que existe o preconceito do trabalho exercido pelo sexo feminino na área esportiva. Para a autora, os homens consideram que a mulheres possuem capacidade, porém afirmam que o trabalho feminino esportivo é duvidoso e pouco crítico.

3. O JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

O futebol e os esportes olímpicos têm sido cada vez mais assistidos e eternizados, e nos principais eventos esportivos como na Copa do Mundo e nas Olimpíadas, muito além do espetáculo apresentado, existe um trabalho diário de jornalistas nos bastidores, passando informações, mostrando as transmissões e histórias. Para SILVEIRA, 2009, esse conjunto de atividades e procedimentos da imprensa é denominado jornalismo esportivo de fato.

Para AMARAL, 1978, as competições esportivas começaram a participar das páginas dos jornais impressos tardiamente, pois era uma editoria que tinha pouco valor e não ocupava muito espaço. Segundo o autor, apenas em 1922 os grandes jornais brasileiros puderam expor, por exemplo, fotos de lances de futebol na primeira página. Mas vale dizer que isso se deu em consequência do pouco desenvolvimento tecnológico à época, no tocante aos equipamentos fotográficos. Mas é certo que havia falta de prestígio dos primeiros jornalistas esportivos e que hoje podemos considerar como uma característica da época e não como desinteresse do jornalista em relação ao tema.

BORELLI, 2002, ao estudar o jornalismo no esporte deve-se lembrar da sua peculiaridade com regras e individualidade do próprio jornalismo, mas também elementos da área esportiva, onde possui maneiras de sistematizar, cobrir, abordar e julgar o esporte nas variadas mídias. O autor afirma ainda que esse tipo de jornalismo é movido pelo inesperado. Atualmente, o esporte tem tomado um espaço cada vez maior, seja na televisão, rádio ou impressos. Hoje, é natural ver o esporte inserido em capas de jornais e revistas e em pequenas edições de jornais estaduais televisivos. É uma editoria que a cada dia tem se desenvolvido e, como consequência, tomado mais espaço na mídia em geral, o que podemos considerar como facilitador da entrada da mulher nesse espaço.

3.1 ATUAÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

Segundo SUBTIL, 2000, o aparecimento das mulheres no jornalismo aconteceu simultaneamente com a chegada delas em massa em algumas profissões liberais como: advocacia, medicina, magistratura, engenharia entre tantas outras. Este fato passou a ocorrer desde o fim dos anos 70, pois, até então, o comparecimento das mulheres nestas profissões acontecia raramente e o mundo laboral era protagonizado pelos homens.

Para SANTOS, 2009, a imagem da mulher continua sendo moldada pelas

estruturas de comunicação de massa, que representam o homem como o personagem principal e, portanto, de maior relevância da organização social. Entendemos sua colocação, mas é preciso dizer que a mulher está empenhada no seu crescimento e que mesmo que o sexo determine as oportunidades de trabalho e de vida, ela batalha pelas suas conquistas dia a dia.

BOCCHINI e REIMÃO, 2006, complementam a ideia afirmando que os meios de comunicação acabam produzindo ações que geralmente beneficiam e favorecem um contexto de discriminação e intolerância, quando as mulheres são desrespeitadas. Os autores declaram ainda que a mulher passa por discriminação quando, por exemplo, se dedica ao trabalho e é competente, mas não consegue se inserir igualmente em áreas profissionais dominadas por eles.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observei neste estudo que a mulher passou por várias dificuldades no jornalismo esportivo, assim como em outras profissões, mas que apesar das dificuldades há um crescimento significativo do gênero feminino em jornais esportivos como apresentadoras e repórteres, principalmente.

Apesar da cultura trazer algumas profissões e ações como "masculinas", a desigualdade de gêneros tem diminuído em diversas áreas da vida. No esporte o homem ainda lidera na quantidade de profissionais da área e tem comandado as narrações de jogos. Portanto, a igualdade de direitos neste setor ainda não encontra um mundo neutro, mas penso que são redutos históricos e que é recente a luta da mulher nesta área, o que não significa que elas deixaram de lutar por seu espaço, sua história pessoal, profissional e sua identidade numa sociedade antes considerada sociedade dos homens.

Respondendo aos questionamentos levantados na introdução deste artigo, posso dizer que um dos principais desafios do sexo feminino no jornalismo esportivo foi, sem dúvidas, quebrar a barreira que havia entre o homem e a mulher no mundo

do trabalho e do emprego. Ela desbrava todas as profissões e questiona a divisão sexuada do trabalho, ela quer mais e mostra que o poder não é apenas masculino, o poder está em ser tratadas como seres humanos iguais perante às leis.

Embora ainda há discriminação ao comparar homem e mulher em relação ao mundo do trabalho, posso dizer que a mulher tem ocupado espaços em todas as profissões, o que antes não era comum. A mulher ainda busca por outros lugares onde possa ter condições igualitárias de trabalho, mas, sem dúvida, posso ver um grande crescimento dela não só no mercado de trabalho, mas em todas as áreas, como na política, na economia, na pesquisa e em áreas do conhecimento, como no jornalismo esportivo, tema de nosso estudo. Dessa forma, aprendo que não há mulher e nem homem fora das estruturas de poder e da cultura que nos moldam.

REFERÊNCIAS

- 1 – SILVEIRA, Nathalia Ely da. Jornalismo esportivo: conceitos e práticas. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo*. Porto Alegre/RS, nov./dez. 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf?sequence=1>. Acessado em: 10 Abril 2016.

- 2 – ROCHA, Paula Melani. As mulheres jornalistas no Estado de São Paulo: O processo de Profissionalização e Feminização da Carreira. *Universidade Federal de São Carlos*. São Carlos/SP, 2004. Disponível em: [file:///C:/Users/Marcela/Downloads/Dialnet-MulherJornalista-2542864%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Marcela/Downloads/Dialnet-MulherJornalista-2542864%20(1).pdf). Acesso em: 10 Abril 2016.

- 3 – BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Salvador/BA, set. 2002. Disponível em: <http://evaldomagalhaes.tripod.com/jornalismoesportivo1.pdf>. Acessado em: 24 Maio 2016.

- 4 – KOSHIYAMA, Alice Mitika. Mulheres jornalistas na imprensa brasileira. *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Campo Grande/MS, set. 2001. Disponível em: <http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/Koshiyama%20alice.pdf>. Acessado em: 24 Maio 2016.

- 5 – MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Gênero e política no jornalismo brasileiro.

Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 2, n. 36, p. 24-39, ago. 2008. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4412/3311>. Acesso em: 30 Maio 2016.

6 – SUBTIL, Filipa. As mulheres jornalistas. *Instituto Politécnico de Lisboa*.

Lisboa/Portugal, set. 1995. Disponível em: < <http://bocc.ubi.pt/pag/subtil-filipa-mulheres-jornalistas.html>>. Acesso em: 30 Maio 2016.

7 – MOTA, Isis Mendes. Jornalismo esportivo de saia – A participação feminina no jornalismo esportivo. *Centro Universitário de Brasília – UniCeub*. Brasília/DF, Jun. 2013. Disponível em: <

http://repositorio.uniceub.br/handle/235/4004?mode=full&submit_simple=Mostrar+registro+completo+do+item> . Acesso em: 30 Maio 2016.

8 – SARTI, Cynthia. Feminismo no Brasil: Uma trajetória particular. *Fundação Carlos Chagas*. São Paulo, fev. 1988. Disponível em: <

<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1182/1188> >. Acesso em: 10 Abril 2017.

9 – LUZ, Laura Becker. Em busca de espaço: mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/RS, Jun. 2015. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/125962> >. Acesso em: 13 Abril 2017.

10 - BOCCHINI, M. O; REIMÃO, S. Participação da mulher na mídia. 2006.

Disponível em:

<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Participa%C3%A7%C3%A3o_da_mulher_na_m%C3%ADdia_-_Maria_Otilia_Bocchini_e_Sandra_Reim%C3%A3o>

Acesso em: 19 de maio 2017.

11 - SANTOS, Tereza Cristina B. A construção da mulher na mídia. *Mutirão de Comunicação América Latina e Caribe*, v. 1, p. 1-12, 2009. Disponível em: <<http://www.pedrinhoguareschi.com.br/documentos/50aconstrucaodamulhernamidia12166.pdf>> . Acesso em: 17 Maio 2017.

12 - BAGGIO, Luana Maia. Representação da mulher no telejornalismo esportivo: A atuação da jornalista Renata Fan no programa jogo aberto da tv bandeirantes. *Centro Universitário Franciscano*, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em:<<https://lapecjr.files.wordpress.com/2011/04/representac3a7c3a3o-da-mulher-no-telejornalismo-esportivo-a-atuac3a7c3a3o-da-jornalista-renata-fan-no-programa-jogo-aberto-da-tv-bandeirantes.pdf>>. Acesso em: 19 Maio 2017.

13 – AMARAL, Luís. *Técnica de Jornal e Periódico*. 2ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. Disponível em: <<https://joropinativo.files.wordpress.com/2012/05/amaral.pdf>>. Acesso em: 29 Maio 2017.